

# Reflexões teóricas sobre o comportamento infocomunicacional de utilizadores das redes sociais na internet

## *Theoretical reflections of users' info-communicational behaviors on social networks in internet*

Leandro Libério da Silva<sup>1</sup>, Armando Malheiro da Silva<sup>2</sup> e Fernando Hadad Zaidan<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade de Aveiro, Univ. do Porto

<sup>2</sup> Portugal Universidade do Porto – Portugal

<sup>3</sup> Escola de Ciência da Informação/UFMG – Brasil

leandroliberio@gmail.com; malheiro@letras.up.pt; fhzaidan@gmail.com

**Resumo:** As Redes Sociais na Internet (RSI) têm-se destacado como espaço infocomunicacional, confirmando as mudanças sociais potencializadas pelas redes telemáticas e pelo acesso móvel a conteúdos, conforme indicado pelos principais teóricos da contemporaneidade. Nos estudos de utilizadores em Ciência da Informação (CI), no contexto da Web 2.0, é necessária uma abordagem cognitiva e social. Deste modo, a proposta deste artigo é explorar as premissas teóricas da tríade Literacia Informacional (LI), Avaliação de Potencial e Perfil (APP) e RSI. Também é foco do artigo refletir sobre as RSI em relação à Convergência nos Media, tendo por base os conceitos de Jenkins sobre a Cultura de Convergência nos Media para contribuir para futuras pesquisas da influência de traços de personalidade no comportamento informacional de utilizadores das RSI. A metodologia concentrou-se num estudo exploratório e de revisão da literatura. A partir dos paradigmas tecnológicos de Castells, pós-custodial e das abordagens emergentes da Cognição Situada e do Construcionismo Social, foi possível identificar trabalhos relacionados com a temática e realizar uma proposta de convergência entre os estudos em desenvolvimento. Trata-se de um estudo exploratório, portanto, de carácter teórico, que agrega alguns dados sobre o acesso à Internet no Brasil e em Portugal. No contexto das RSI, surgem as primeiras questões de pesquisa: as 20 dimensões da APP relacionam-se com as competências informacionais? Os resultados fornecidos por esta pesquisa teórica servirão de apoio para a construção de um projecto de pesquisa doutoral na área de CI.

**Palavras-chave:** comportamento informacional, literacia informacional, traços de personalidade, redes sociais na Internet.

**Abstract:** Social networks in Internet (SNI) have become a remarkable info-communicational space, validating social changes potentialized by telecommunication networks and mobile content access, as pointed out by actual researchers and scholars. Information science studies focusing the role of the information users in the Web 2.0 context need a cognitive and social approach. Based on this fact, this paper aims to explore the theoretical premises of the triad: Informational literacy, Profile and Potential Assessment and SNI. This work also sought to reflect about SNI from the media convergence approach, based on Jenkins concepts over media culture convergence aiming to contribute for future researches about personality aspects of the user and its influences on their informational behavior. For these purposes, a literature review was conducted, applying an exploratory methodology, which aggregates data about Internet usage in Brazil and Portugal. In the context of SNI, the initial question that arises is: Do those twenty dimensions of Profile and Potential Assessment relate to informational competence? The results provided by the theoretical research will serve as a base for a Doctorate project in the Information Science area.

**Keywords:** information behavior, information literacy, personality traits, social networks in Internet.

---

## 1 INTRODUÇÃO

Recentemente (BERNERS-LEE, 2010), criador da *Web*, reafirmou os princípios fundamentais da sua invenção num artigo para a *Scientific American*. Um desses princípios postula que a *Web* deve ser entendida como uma *layer*, ou seja, todas as aplicações *Web* podem funcionar em cima de protocolos de Internet, de forma independente e que permita uma hipótese de inovação em ambas as camadas.

Sem dúvida, essa proposta tem sido um dos contributos para a evolução da rede mundial de computadores. Em termos de recursos infocomunicacionais, para além dos conhecidos *sites*, uma variedade de recursos permite explorar a comunicação mediada por computador, termo traduzido do inglês *computermediated communication* (CMC).

Inicialmente, a CMC foi composta por *chats*, fóruns, entre outras formas de unir as pessoas através da Internet (AMICHAH-HAMBURGER; VINITZKY, 2010) e (RECUERO, 2009). Denota-se, então, o surgimento das primeiras comunidades virtuais ou *on-line*. E, com essa revolução digital, (GARTON; HAYTHORNTHWAITE et al., 1997 apud RECUERO, 2009) concluíram que “*when a computer connects people and organizations, it is a social network*”.

Embora o modelo em redes seja uma estrutura social existente há muito tempo, é notória a ampliação do poder infocomunicacional oriundo dos avanços das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), em especial, a Internet. Essa configuração social potencializada foi denominada por Castells em 1996 como “*sociedade em rede*” antes mesmo das principais redes digitais da atualidade terem iniciado as suas actividades (CASTELLS, 2000).

Em 2007, o mesmo autor avaliou, ainda sob a óptica das redes, a proliferação de dispositivos móveis (CASTELLS, 2009). Os telefones celulares ligados à rede mundial de computadores promovem a comunicação ubíqua de um número, cada vez maior, de pessoas alterando o comportamento infocomunicacional da sociedade onde se promove o indivíduo como questão central em detrimento da tecnologia empregue.

Digital, *Web*, *on-line* ou virtual? Independentemente da adjectivação para as Redes Sociais,

estas estão presentes na Internet. Neste artigo, interessa investigar as Redes Sociais na Internet, um tipo de CMC que pode ser considerado um fenómeno infocomunicacional dos tempos atuais, estudado por diversas áreas do conhecimento, sejam elas de cunho humano, social ou tecnológico.

No contexto deste trabalho, as RSI são viabilizadas a partir da disponibilização de um *Social Networking Software* (SNS) para os utilizadores da *Web*. Os SNSs são também conhecidos como *Social Networking Site*, *sites* de relacionamento, ou simplesmente, *Social Software* (JENKINS, CLINTON et al., 2006) e (BOYD e ELLISON, 2008).

Em tempos de computação ubíqua, este *paper* opta pela nomenclatura SNS por considerar ter um carácter mais abrangente e direcionado, ou seja, contempla as aplicações de *networking* para dispositivos móveis, tais como portáteis, telefones celulares, e onde mais seja possível implementar uma camada de comunicação via Internet.

Do ponto de vista tecnológico, as RSI fornecem um ambiente de serviços de interacção e colaboração entre utilizadores. Por outro lado, sob o prisma social, as RSI passam a ser o sítio, onde seus cidadãos passam a criar, a indicar e a manter as suas relações interpessoais.

É com base nesse envolvimento social oriundo da facilidade inerente às RSI, *blogs* e *wikis* que se percebe um marco evolutivo da *Web*. Para indicar esse *upgrade* de evidências de socialização, essa camada da Internet passa a ser designada como *Web 2.0*, ou ainda, como *Social Web* (JORENTE; SANTOS, 2009; BOYD; ELLISON, 2008).

Com a produção de conteúdos gerados pelos utilizadores dessa *Social Web*, muito mais que meros instrumentos tecnológicos ou dispositivos de distribuição de conteúdos, esses serviços da rede e a sua audiência passam a figurar como os novos meios de comunicação ou, mais especificamente, como são referidos de *Social Media* (BOYD; ELLISON, 2008; WATKINS, 2007).

Ao tratar dos *social media*, identifica-se a necessidade de estudar o “*novo paradigma para entender a transformação mediática*” proposto por Jenkins (2009). Pretende-se, assim, desmistificar a “*velha*” *buzzword* denominada “*convergência*” e abrir os olhos para a compreensão da cultura de

participação sob o prisma das ciências da comunicação e da informação.

Dados pertinentes foram divulgados em julho de 2010, onde o Facebook constatou que chegara à considerável marca de 500 milhões de utilizadores na sua rede social (HONORATO, 2010). Nesse mesmo ano, a rede de profissionais LinkedIn (2010) indicou, no seu portal, que possuía utilizadores em mais de 200 países em todo o mundo, para além de uma outra rede *on-line* de colaboração entre investigadores que disponibilizou mais de 46 milhões de artigos aos seus mais de 44 mil grupos de pesquisa (MENDELEY, 2010).

A abordagem dessa pesquisa corrobora com a análise de Capurro (2003) sobre a CI com referência a três paradigmas epistemológicos: físico, cognitivo e social.

Portanto, é importante não se distanciar da perspectiva cognitiva ao tratar o comportamento do indivíduo dentro da estrutura em redes (sociais) fornecido pelo ambiente digital (físico).

Este indivíduo é um sujeito social, histórico, emotivo e interage, dialogando nos mais diversos contextos e comunidades. Como contributo para o método de estudo, pode ser realizado um inquérito de escolha forçada que avalie vinte dimensões da personalidade e das preferências de indivíduos baseado na teoria de Murray (1938), utilizado noutras pesquisas de Libério (2010) denominado Avaliação de Potencial e Perfil (APP).

Não alheias ao contexto global, diversas áreas do conhecimento têm empreendido esforços consideráveis na investigação dos comportamentos informacionais, principalmente na *information literacy*, expressão traduzida para português como Literacia Informacional (LI). Destacam-se os grupos de pesquisa em Ciência Informação (CI) e Educação, que têm se dedicado aos processos de mediação, circulação e apropriação da informação. Essas pesquisas tentam compreender o comportamento informacional dos utilizadores, na maioria estudantes, nos diversos contextos de uso da informação.

Sobretudo no contexto da era da informação, onde a sociedade está ligada globalmente pelas redes, denota-se um possível compromisso colaborativo nunca visto. Torna-se oportuno

pesquisar as competências e a capacidade seletiva e sintetizadora na busca e uso da informação, conforme a LI é abordada na obra de Silva (2006).

Portanto, este artigo propõe explorar os pressupostos teóricos da tríade LI, APP e RSI. Por conseguinte, pretende-se realizar uma reflexão sobre as RSI, numa perspectiva de uma cultura de convergência nos meios de comunicação de modo que, com esse empreendimento, se obtenha um ensaio para a concepção de um projeto doutoral sobre a influência de traços de personalidade nos comportamentos informacionais de utilizadores das RSI.

Este estudo caracteriza-se por ser baseado numa pesquisa exploratória e de cunho teórico, acerca dos principais conceitos e paradigmas postulados. Nas seções seguintes, esta problemática é discutida a partir dos dados de pesquisas sobre a porcentagem de internautas nas RSI do Brasil e de Portugal.

## 2 PARADIGMAS

Nesse capítulo, são abordados os paradigmas que fornecem a base sólida de teorias para o desenvolvimento desta investigação que ainda se encontra em curso. Inicialmente, será tratado o Paradigma Tecnológico da autoria de Castells (2000) e, seguidamente, sob uma perspectiva emergente da CI, são tratados o Paradigma Pós-Custodial e outras duas abordagens: Cognição Situada e Construcionismo Social.

### 2.1 Novo paradigma tecnológico

Castells (2000), caracterizando o novo paradigma, afirma que a informação é sua matéria-prima e que as tecnologias são para agir sobre a informação e não apenas informação para atuar sobre a tecnologia. Sob este ponto de vista, a informação é parte do processo humano, o que facilita a penetração dos efeitos gerados pela evolução das TIC.

O crescimento exponencial das redes, mencionadas no capítulo introdutório deste artigo, apresenta outro aspecto do paradigma tecnológico: a lógica das redes. Em rede, “os indivíduos estão a reconstruir o modelo de interação social com a

ajuda das novas possibilidades tecnológicas para um novo modelo de sociedade” (CASTELLS, 2000).

O mesmo autor esclarece a importância da flexibilidade desse modelo infocomunicacional: é organizado de forma semiestruturada para dar contínua inovação humana e deriva de como são construídos os modelos de interação na nova sociedade.

Contudo, essa nova configuração social impõe uma dinâmica na velocidade da informação na Internet. No contexto organizacional, a *e-economia* conduz a “mercados financeiros voláteis e regidos pela informação”. Na (in)formação profissional, os estudantes devem “aprender a aprender, já que a maior parte das informações específicas ficarão obsoletas dentro de poucos anos” (CASTELLS, 2007).

Uma das razões para esta “autonomia do indivíduo” é os telefones celulares e a sua infraestrutura de rede (CASTELLS, 2009). Esses dispositivos cada vez mais *smarts* dão, a uma considerável parte da população, a experiência de um computador realmente pessoal.

Esse seria o “auge do individualismo” da sociedade que, segundo Castells (2007), não se trata de indivíduos isolados, mas de um modelo social que agrega as interações específicas oriundas de comunidades *on-line* e *off-line* num formato híbrido de comunicação.

Entretanto, esse individualismo e autonomia caminham, paralelamente, com responsabilidade de atender às novas exigências da *e-economia*. Numa das suas obras, Castells (2007) discute o trabalhador autoprogramável, que deve “estar capacitado para transformar a informação obtida durante o processo de aprendizagem em conhecimento específico”.

Na topologia de redes, a estrutura de nós interconectados é aberta, e os sujeitos passam a ser reconhecidos individualmente quanto às suas capacidades (CASTELLS, 2000). Promove-se, cada vez mais, oportunidades de teletrabalho e *elearning*.

Essa “virtualidade real” na Internet gera um sistema diversificado dos meios de comunicação, valorizando a reputação em rede como produto-

ra de poder. Com as tecnologias multimídia, a sociedade tem liberdade, e os nós da rede dispõem da capacidade de não só interagir, mas também de produzir os seus próprios conteúdos. Nas plataformas digitais, um importante exemplo é a rede social que promove a publicação e distribuição de vídeos, onde pode ser dito ao utilizador “*you (are a) tube*”.

Nesse ambiente de abundância de informação, surge a missão de desafiar os riscos da *information overload*, ou seja, a sobrecarga de informação que se propaga exponencialmente por meio de conteúdos e informações distribuídas pelas redes. Então, para caminhar nesse terreno fértil de pesquisa, torna-se necessário firmar-se em paradigmas da CI, tais como o novo paradigma Pós-Custodial que será tratado a seguir.

## 2.2 Paradigma pós-custodial

Com a colaboração *on-line*, há uma proliferação de ficheiros de todos os formatos, *posts*, *tweets*, onde a informação passa a ser editada, reeditada e distribuída em multiplataformas.

A sociedade em redes, discutida na secção anterior, promoveu esta nova dinâmica na reprodução e na comunicabilidade. Para ser capaz de lidar com isso, a CI precisa reconhecer o novo modelo de interação com os documentos e, para isso, Silva e Ribeiro (2002 apud MASSON, 2006) propõem um novo paradigma, denominado Pós-Custodial, Informacional e Científico, que pode ser caracterizado:

- (a) *pela valorização da informação (referente de um fenómeno humano e social), residindo nela e não no suporte (material onde os códigos são registados) o objecto central de estudo;*
- (b) *pela afirmação do incessante e natural dinamismo informacional oposto ao “imobilismo” documental;*
- (c) *pela impossibilidade de manter a “compartimentação” documentalista da informação pelo espaço institucional e tecnológico onde se conserva (serviço de Arquivo, serviço de Biblioteca e sistema informático/ software de computador monoposto ou em rede), porque este critério é superficial e não abrange o dinâmico con-*



*texto de produção (organicidade), de retenção/memória e de uso/ consumo (funcionalidade);*

- (d) *pela necessidade de conhecer (indagar, compreender e explicitar) a informação social através de modelos teórico-científicos cada vez mais exigentes e eficazes em vez do universo rudimentar e fechado da prática informacional empírica composta por um conjunto uniforme e acrítico de modos/regras de fazer, de procedimentos só aparentemente “assépticos” ou objectivos de criação, classificação, ordenação e recuperação;*
- (e) *pela alteração do actual quadro teórico-funcional, em que quase só pontificam as práticas metodológicas e os interesses da História, do Direito, da Ciência da Administração, dos Estudos Culturais, para uma postura diferente no universo dinâmico das Ciências Sociais; e*
- (f) *pela substituição da lógica instrumental presente nas expressões “gestão de documentos” e “gestão da informação” pela lógica científica compreensiva da informação na gestão.*

Esse novo paradigma propõe uma série de desafios, seja do ponto de vista social, infocomunicacional ou ético. O comportamento humano diante das mudanças, onde, muitas vezes, identifica-se o medo e a resistência ao novo mundo, será o mais evidente. De forma congruente, está a questão da integração entre o comportamento infocomunicacional e a geração de conhecimento pelos sujeitos presentes nas redes.

Estas análises podem ser discutidas com maior profundidade através de contributos teóricos de outras disciplinas, como as Ciências Cognitivas (CC).

Assim, no próximo subcapítulo, será apresentada uma abordagem emergente da Cognição Situada numa perspectiva interdisciplinar da CI.

### 2.3 Abordagem da cognição situada

Para melhor posicionar o leitor acerca dos estudos cognitivos emergentes em CI, especificamente a Cognição Situada, é importante realizar primeiramente uma breve introdução da abordagem cognitiva clássica.

Hjorland (2002) mencionou que uma “revolução cognitiva” no campo da CI teve lugar a partir da década de 70. Na época, com os primeiros livros publicados, as CC estabeleceram-se como um campo interdisciplinar. Esse investimento nas relações das CC e CI é importante, visto que, para Silva (2006), aborda-se uma dimensão simbólica e do signo do ser humano, e, como tal, refere-se à sua matriz mental e emocional.

A abordagem cognitiva tradicional teve como principais pesquisadores Taylor, Wersig, Dervin e Brookes, sendo a matéria dos processos cognitivos abordada em investigações do tratamento de informação, sistemas de informação, comportamento de utilizadores entre outras (BELKIN, 1990 apud BORGES, 2002).

Além disso, os estudos sobre o ensino de LI (do inglês, *information literacy education*) foram promovidos por Kuhlthau, valorizando a perspectiva cognitiva de estudos da informação, denominando esse modelo como “centrado no utilizador” (DUDZIAK, 2003). Atualmente, as pesquisas passam a ser de carácter descritivo, situando as TIC como ferramentas de aprendizagem.

Contudo, essa abordagem tradicional sofreu algumas críticas, sobretudo ao tratar o indivíduo como um receptor e processador de informações passivo. Isso estimulou a iniciativa para novas abordagens e a revisão de alguns *frameworks* dos autores mais tradicionais. O próprio Hjorland (2002) publicou propostas, seguindo esta tendência emergente, sobre a análise de domínio e a perspectiva sociocognitiva.

Borges (2002) observou que as “tendências emergentes da CI colocam o indivíduo como agente activo na construção do significado das situações com as quais se depara”. Para efetuar a verificação do supra-mencionado, a autora e seus orientandos passaram a trabalhar sob a perspectiva da Cognição Situada na CI.

A autora, centrando-se nos estudos de Maturana e Varela (1984), explica que a teoria da Cognição Situada parte do princípio do organismo e o seu meio.

Aprender e conhecer flui a partir do sujeito (individual e subjectivo) e do seu mundo que existe independentemente dos indivíduos.

Portanto, a teoria de Maturana propõe, baseada em princípios da biologia, uma avaliação do conhecer humano, abrindo possibilidades para a CI discutir a informação como perturbação do meio, contrapondo-se, desta forma, à teoria clássica, que define o conhecer como uma construção e desconstrução de representações internas.

Nesse percurso teórico, a linguagem torna-se fundamental e passa a ser entendida como uma atividade de interação. Dentro do contexto exposto, Venâncio (2007) sintetiza que a *Cognição Situada* “[...] apoia-se no princípio de que os seres são simultaneamente individuais e sociais, a todo instante, de forma indissociável, o que possibilita a compreensão dos fenômenos de informação como processos sociais, cognitivos e comunicacionais”.

A mesma autora classifica a *Cognição Situada* como um conjunto de teorias contemporâneas proposta por Maturana, que teve inicialmente a nomenclatura de “Autopioese”, mas que atualmente se denomina “Biologia do Conhecer”. Estas são algumas entre outras iniciativas: “Enaction de Varela, Thompson e Rosch (1991); *Situated Cognition* de Clancey (1997) e *Ecologia da Mente*, de Bateson (1972)”.

Seguindo as pistas de Borges (2002) e Venâncio (2007), bem como com o objetivo de alinhar esta perspectiva cognitiva emergente, discute-se seguidamente uma abordagem nova, o *Construcionismo Social* do ponto de vista da CI.

## 2.4 Abordagem do construcionismo social

Talja, Tuominen et al. (2005) indicam que as principais influências filosóficas do *Construcionismo Social* são provenientes de Bakhtin, Foucault, Garfinkel e Gergen. Assim, os teóricos construcionistas, segundo Hoffman (1992 apud NOGUEIRA, 2001), “acreditam que as ideias, os conceitos e as memórias surgem do intercâmbio social e são mediatizadas pela linguagem. Todo conhecimento desenvolve-se entre as pessoas, no mundo cotidiano”.

Surge, então, o primeiro ponto de congruência entre as abordagens da *Cognição Situada* e do *Construcionismo Social*: a linguagem. Esta atua na constituição dos “selves” e na formação de sig-

nificados onde, segundo Talja, Tuominen et al. (2005), a conversação é “a condição sine qua non para a construção do mundo social, conhecimento e identidades”.

Nogueira (2001) pode, desta forma, sintetizar que “a pedra base do construcionismo social é a insistência sobre a natureza partilhada dos códigos de linguagem, em constante mudança, e variando nos seus significados em função dos contextos”.

No campo da CI, Talja, Tuominen et al. (2005) avaliam a aplicação do *Construcionismo Social*, sobretudo nos problemas de vocabulário, projetos de interação, assim como em sistemas de recuperação de informação. Além disso, as abordagens construcionistas são muito comumente aplicadas em estudos empíricos de busca de informação.

A busca de informação é compreendida como um processo dinâmico, que se constitui não só das ações e das necessidades dos sujeitos, mas também das características físicas e sociais do ambiente no qual o sujeito reúne e utiliza a informação.

Tendo em conta, principalmente, que as práticas informacionais têm origem através das interações entre os diversos sujeitos de uma comunidade, constata-se, assim, o prosseguimento coerentemente com uma matriz social e de diálogo para a integração das duas abordagens nesta pesquisa.

## 3 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, serão abordados os referenciais teóricos sobre Literacia Informacional (LI), Avaliação de Potencial e Perfil (APP) e Redes Sociais na Internet (RSI). Preliminarmente, serão apresentados conceitos operatórios como contributo ao entendimento do enquadramento teórico.

### 3.1 Conceitos operatórios de informação, ciência da informação e traços de personalidade

Coerente com os paradigmas selecionados, introduz-se o conceito de Informação:

um conjunto estruturado de representações mentais codificadas (símbolos significantes) socialmente contextualizadas e passíveis de serem registadas num qualquer suporte

material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.) e, portanto, comunicadas de forma *assíncrona e multi-direccional* (SILVA, 2006).

Uma vez clarificada a Informação, pode-se afirmar que CI é:

uma ciência social que investiga os problemas, temas e casos relacionados com o fenómeno infocomunicacional perceptível e cognoscível através da confirmação, ou não, das propriedades inerentes à génese do fluxo, organização e comportamento informacional (origem, colecta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação) (Ibidem).

Para terminar a apresentação dos conceitos operatórios neste estudo, quando são referidos os traços de personalidade, procura-se identificar os “padrões característicos de pensamentos, sentimentos e comportamentos que distinguem uma pessoa da outra e que persiste ao longo do tempo e da situação” (PHARES, 1991 apud HEINSTROM, 2005).

### 3.2 Conceitos operatórios para cultura de convergência nos media propostos por Jenkins

Quanto ao termo “cultura de convergência”, Jenkins (2009) convida o leitor, na sua obra com o mesmo título, a perceber um espaço-tempo “onde colidem os velhos e os novos media, onde os media populares se entrecruzam com os corporativos, onde o poder do produtor e o consumidor mediáticos interagem de maneiras imprevisíveis”.

Segundo o mesmo autor, a palavra ‘convergência’ define “mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais no modo como os media circulam em nossa cultura. “...é entendida aqui como um processo contínuo ou uma série contínua de interstícios entre diferentes sistemas de media, não uma relação fixa” (Ibidem).

Numa tentativa de explicação da “cultura de convergência”, Jenkins (Ibidem) relaciona três conceitos: convergência dos meios de comunicação; 2)

cultura participativa; e 3) inteligência coletiva.

Quanto à convergência dos meios de comunicação, o autor refere-se ao “fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de media, à cooperação entre múltiplos mercados mediáticos e ao comportamento migratório dos públicos do meios de comunicação, que vão a qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam” (Ibidem).

Relativamente ao termo “cultura participativa”, Jenkins (Ibidem) define, no glossário da sua obra, que esta pode ser entendida como “cultura em que os fãs e outros consumidores são convidados a participar activamente da criação e da circulação de novos conteúdos”.

Por fim, o mesmo autor apropria-se do termo cunhado por Pierre Lévy, referindo-se “à capacidade de comunidades virtuais de alavancar o conhecimento e a especialização de seus membros, normalmente pela colaboração e discussão em larga escala” (Ibidem). De acordo com Jenkins (Ibidem), o teórico da cibercultura evidencia que “nenhum de nós pode saber tudo; cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos nossas habilidades”.

Os três conceitos desenvolvidos na obra de Jenkins (2009) podem ser discutidos sob a perspectiva das RSI. É o que se propõe realizar na próxima seção deste artigo.

### 3.3 Literacia informacional

A expressão “*information literate*” começou a ser utilizada na década de 70, especificamente pelo presidente da *Information Industry Association*, Paul Zurkowski. Embora não claramente definida, permite o entendimento do interesse num perfil de cidadão com competências no uso de informação (CAMPELLO, 2003).

A Tabela I, a seguir, identifica, segundo Bruce (2000 apud CAMPELLO, 2009), quatro fases de estudos de LI conforme a pesquisa sobre o estado da arte dessa área:

Na fase experimental, a pesquisa de (BRUCE, 1999) estabelece sete habilidades, ou “*seven faces*” de um indivíduo letrado ao nível da informação:



**Tabela 1:** Fases da investigação em LI

Período	Fase	Características
década 80	1ª Precursores	- Estudos sobre instrução bibliográfica - Kuhlthau define LI como uma maneira de aprender
1990 a 1995	2ª Experimental	- marcado pelos estudos de Doyle
1995 a 1999	3ª Exploratória	- aumento do número de pesquisas - uso de enfoques metodológicos variados
desde 2000	4ª Expansão	- foco em pesquisas práticas (aperfeiçoamento dos programas de LI) - foco em pesquisas aplicadas (implementação de programas de LI)

*“1) prática de usar tecnologia para recuperar informação e se comunicar;*

*2) capacidade de buscar informação em fontes apropriadas;*

*3) capacidade de implementar processos de busca de informação;*

*4) experiência do controle da informação;*

*5) capacidade de construir uma base pessoal de conhecimento em novas áreas de interesse;*

*6) capacidade de trabalhar numa perspectiva de conhecimento pessoal assim, transformar ou produzir novos conhecimento; e*

*7) capacidade de usar sabiamente a informação, para o benefício de outros.”*

Esses pressupostos de Bruce (1999) seguidos da Declaração De Alexandria (2005 apud VITORINO e PIANTOLA, 2009) sobre LI, e a sua aprendizagem ao longo da vida, definem a condução de programas e pesquisa de diversas instituições no mundo, entre as quais, a área de comunicação e informação da UNESCO:

A LI está no cerne do aprendizado ao longo da vida. [...] O aprendizado de toda a vida prepara os indivíduos, as comunidades e as nações a atingir suas metas e a aproveitar as oportunidades que surgem no ambiente global em evolução para um benefício compartilhado. Auxilia os e suas instituições a

enfrentar os desafios tecnológicos, econômicos e sociais, para reverter a desvantagem e incrementar o bem-estar de todos.

Para Lyman (1979), há múltiplas definições ou utilizações do termo “literacia”. A autora define “literacia” como a dinâmica e a parte da aprendizagem ao longo da vida, logo inseparável da habilidade de ler, falar, ouvir e escrever. Assim, literacia pode ser entendida como a “habilidade de entender o assunto, ler criticamente, usar aspectos complexos da matéria em questão e aprender por si mesmo”.

Assim sendo, estabelece-se o conceito de LI para “significar as competências e a capacidade selectiva e sintetizadora na busca e uso da informação” (SILVA, 2006) onde, em CI, o mesmo autor refere que:

este tipo de literacia relaciona-se [...] aos estudos comportamentais e torno da informação. Determinar o tipo de competências aprendidas, assim como as necessidades espontâneas ou induzidas ao longo do processo de escolarização no que toca a buscar, reproduzir/ citar, interiorizar e comunicar informação envolve um diálogo proveitoso com as Ciências da Educação e permite desenvolver pesquisas dentro da Ciência da Informação.

Entre os vários autores de LI, este estudo referencia Boon, Johnston et al. (2007) e Silva



(2006) pelas suas investigações na Europa. Nos Estados Unidos, berço da LI, destaca-se Doyle (1992). Na Austrália, onde a pesquisa em LI é muita intensa, enfatiza-se a produção de Bruce (1999) e Lloyd (2003). No Brasil, onde o conceito ainda se está a estabelecer, destacam-se as investigadoras Campello (2009) e Dudziak (2003).

Existem outros termos que podem ter os seus conceitos e pressupostos confundidos com a LI. Bawden (2001 apud VITORINO e PIANTOLE, 2009) indica alguns desses termos que já foram relacionados com a LI, tais como *digital literacy*, *network literacy*, *hyper-literacy*, *Internet literacy*, *computer literacy* e *media literacy*.

No Brasil, por questões de tradução, conforme constatou Dudziak (2003), podem ser encontrados outros termos, tais como alfabetização informacional, fluência informacional, competência informacional e letramento, este último considerado termo equivalente à Literacia em Portugal.

Apesar de a quase totalidade destes autores se ter dedicado exclusivamente ao estudo de LI em bibliotecas ou em espaços universitários, não se percebe o reducionismo da sua prática. Por exemplo, Bruce (1999) e Lloyd (2003) investigaram a LI em ambiente de trabalho. Dentro das novas oportunidades tecnológicas fornecidas pela Internet móvel e outras tendências com a Web 2.0 e a Web Semântica, percebe-se o interesse de alguns investigadores, tais como Godwin (2009) e Click e Petit (2010).

Por fim, o ponto de convergência entre os autores contemporâneos são os aspectos sociocognitivos do comportamento dos utilizadores, em que se destacam os estudos de Heinström (2005) sobre a influência de cinco dimensões da personalidade no comportamento de procura de informações em estudantes.

### 3.4 Avaliação de Potencial e Perfil (APP)

Na década de 60, o Doutor Max Martin Kostick, professor de Psicologia Industrial do *State College of Boston*, efetuou um inquérito autoavaliativo para mostrar os comportamentos e as preferências dos seus respondentes, adequados ao ambiente de trabalho (PTC, 2009).

Esse instrumento autoavaliativo de Kostick recebeu o nome de Inventário de Personalidade e Preferências (PAPI) e começou a ser efetivamente disponibilizado em pesquisas na *Harvard Business School* e na *Boston University Business School* (SIOP, 1966).

De acordo com Ptc (2009), trata-se de um inquérito validado pela Sociedade Britânica de Psicologia, a qual é dada pelo atendimento satisfatório das características técnicas de construção e administração do seu formulário Papi (2003).

A Avaliação de Potencial e Perfil, ou simplesmente APP, é o nome da versão brasileira do PAPI, adaptado e desenvolvido no Brasil por Corrêa (2009). A base teórica do PAPI foi elaborada a partir da Teoria da Personalidade concebida por Murray (1938), que identifica traços de necessidades e de papéis desempenhados pelos indivíduos (PAPI, 2003).

Baseada na versão de escala *ipsative* do PAPI, a APP herdou as características do formato, tais como: (a) autoavaliação; (b) inquérito de itens de escolha forçada; (c) apresentação das frases em pares; e (d) multidimensionalidade, o que permite a sua vasta abrangência e o aumento da fiabilidade dos resultados obtidos (LIBÉRIO, 2010).

O termo *ipsative*, utilizado nas ciências sociais, provém do latim *ipse* ("a si mesmo"), ou seja, nesse tipo de medição, o respondente deve escolher entre dois ou mais itens, adotando como critério de escolha aquele que mais se assemelha a si (MCLEAN; CHISSON, 1986).

Outra propriedade dos dados "ipsativos" é quanto à soma dos resultados obtidos em todas as escalas de medida. Assume-se que uma escala é ipsativa quando desta soma se obtém um valor constante para qualquer indivíduo (BROWN; BARTRAM, 2009). Portanto, é uma medida baseada numa comparação intraindividual.

Tradicionalmente, este tipo de inquérito que utiliza a medida *ipsative* pode ser definido com um teste multidimensional de itens de escolha forçada. Esse formato tem sido muito usado na avaliação de pessoas, e, como explicam Brown e Bartram (2009), é considerado mais difícil de ser adulterado, uma vez que obriga os respondentes

a escolher entre duas opções, cada uma ligada a um traço distinto de comportamento.

A multidimensionalidade da ferramenta é fornecida por 20 fatores, listados, a seguir, na Tabela 2. A definição de cada dimensão pode ser consultada em App (2010).

**Tabela 2:** Factores da Avaliação de Potencial e Perfil

Factores profissionais	Factores comportamentais
Planeamento	Flexibilidade/ criatividade
Organização	Relação com autoridade
Acompanhamento	Administração de conflitos
Liderança	Controle emocional
Comunicação	Adaptabilidade a mudanças
Decisão	Afectividade
Detalhismo/ delegação	Auto-imagem
Tempo de execução	Sociabilidade
Intensidade operacional	Energia vital
Percepção/ priorização	Realização

Cada dimensão está diretamente vinculada a 10 itens de escolha, o que permite contabilizar uma pontuação de 0 a 10 valores como regra de mensuração. As opções traduzidas que compõe o inventário da APP estão disponíveis em App (2010).

A facilitação do instrumento ao respondente é feita através de um formulário, *on-line* ou impresso, com 100 pares de opções (frases), que o respondente deve selecionar de acordo com as suas necessidades e papéis. Em geral, as pessoas terminam o preenchimento, em média, em 15 minutos.

As notas são atribuídas, para cada uma das escalas, pela quantidade de opções escolhidas pelo respondente. Por exemplo, ao indivíduo é atribuído 1 valor em Liderança quando selecionou apenas 1 frase ligada a este papel. Dessa forma, o indivíduo mostra a importância relativa de cada item (LIBÉRIO, 2010).

Ainda segundo o mesmo autor, com base na qualidade das respostas, o resultado é gerado a partir da inserção do respectivo registo no *software* da APP, que, por sua vez, é confrontado com a chave de correção (*scoring key*) armazenada no banco de dados do sistema, evitando, assim, uma

possível falha humana no processamento no resultado e, conseqüentemente, na impressão do relatório de resposta.

Esses relatórios de resposta são apresentados em três versões distintas, sendo as duas primeiras para avaliação individual e a terceira quando se deseja realizar uma análise de grupo.

O relatório de devolutiva coletiva consiste em 20 gráficos, sendo que cada gráfico representa um dos 20 fatores da APP. Os modelos dessas versões podem ser consultados em App (2010).

### 3.5 Redes sociais na internet

O termo “redes sociais” desperta o interesse de diferentes disciplinas, promovendo a investigação de um conjunto de métodos e modelos oriundos das ciências sociais (MARTELETO, 2007). Isso permite várias abordagens do assunto nomeadamente a metafórica, a analítica e a tecnológica.

Em geral, há uma multiplicidade de sistemas no quotidiano que possuem estruturas em rede. Brandão et al. (2007) exemplificam que, metaforicamente, “a internet, a malha rodoviária e ferroviária de um país podem ser interpretados como redes tecnológicas complexas”.

Portanto, segundo Mitchell (1974 apud TOMAÉL; MARTELETO, 2007), o uso metafórico do termo “rede social” enfatiza que as ligações sociais de indivíduos, em qualquer sociedade, ramificam-se por meio dessa mesma. No entanto, o seu uso analítico especifica como essa rede influencia o comportamento das pessoas envolvidas numa sociedade.

Newman (2001 apud BRANDÃO et al., 2007) afirma que as ciências sociais são o campo científico com a maior “bagagem” histórica em estudos quantitativos sobre redes complexas reais. Ainda nas décadas de 20 e 30, Moreno estudou padrões de amizade em pequenos grupos de pessoas.

Contudo, foi na década de 50 que o conceito de redes sociais foi introduzido por Barnes. Sob a óptica antropológica, a expressão redes sociais apoiou-se como “análise e descrição daqueles processos sociais que envolvem conexões que transcendem os limites de grupos e categorias” (BARNES, 1972 apud ACIOLI, 2007).

Desta forma, apesar das diferentes matrizes epistemológicas, existe um princípio comum entre as diversas perspectivas teóricas, considerando-se que os objetos de estudo são as relações entre os seus nós, as regularidades que descrevem essas interações. Interessam, também, os aspectos de sua formação, transformações e a análise de seus efeitos sobre o comportamento dos indivíduos (MARTELETO, 2007).

O presente artigo opta por apropriar-se de um conceito operatório, mais recente, de Álvarez e Aguilar, (2005) onde:

entende-se por redes um grupo de indivíduos que, de forma agrupada ou individual, se relacionam uns com os outros, com um fim específico, caracterizando-se pela existência de fluxos de informação. As redes podem ter muitos ou poucos actores e uma ou mais categorias de relações entre pares de actores. Uma rede é composta por três elementos básicos: nós ou actores, vínculos ou relações e fluxos.

Os nós da rede podem ser indivíduos ou mesmo representações de organizações, tais como associações e empresas. Nos SNS disponíveis na *Web*, as principais marcas do mercado estão presentes através de um perfil próprio.

Por outro lado, ao abordar as “categorias de relações entre os actores”, estas podem ser entendidas como algum padrão de conexão e interação, tais como amizade, interesses em negócios, entre outras (SCOTT, 2000 apud BRANDÃO et al, 2007).

Na Internet, esses padrões podem ser percebidos, também, de acordo com a “vocaçãõ” de cada RSI. Por exemplo, Facebook (2010) como rede de amizades; LinkedIn (2010) como rede de interesse profissional; e Mendeley (2010) como outro SNS utilizado com o objetivo de promover o relacionamento entre investigadores.

Seja do ponto de vista social ou tecnológico, promovem-se diversas variações de implementação das RSI. Por exemplo, existem as RSI em 3D, que têm como representante o Second Life (2010), bem como as RSI com utilizadores que procuram estar georreferenciados, como acontece no Four Square (2010).

Estes são exemplos de inovações do ponto de vista tecnológico, que atualmente permitem o aparecimento de equipas que utilizam o termo “rede” no sentido de meio de acesso a informações, contato com outras equipas ou pessoas por meio de redes de computadores. Com o uso massivo de recursos informáticos e da infraestrutura de telecomunicações, surgem os termos redes de informações, redes de colaboração, redes temáticas, redes inter-organizacionais, entre outros (ACIOLI, 2007).

Basicamente, numa versão *web-based*, um SNS permite aos utilizadores da RSI construir um perfil, também conhecido como “avatar”, gerir a lista de contatos com os outros utilizadores da mesma rede, navegar na lista de ligações e visualizar as interações feitas no SNS (BOYD; ELLISON, 2008).

É no formato *lifestream* que estas interações no SNS ficam armazenadas no *software*, ou seja, comentários públicos, as associações entre os perfis de outros utilizadores, inserções ou alterações nos dados pessoais e outros processos infocomunicacionais partilháveis são disponibilizados numa *timeline* (MAZZOCATO, 2010).

Para além destas atividades realizadas pelo ator da rede, nesse tipo de documento histórico do utilizador, são também incluídos comentários públicos deixados por outros utilizadores que integram o referido círculo social.

Posto isto, conclui-se que, ao empregar um SNS numa rede social, permite-se que estudiosos das redes sociais possam agregar um volume considerável de dados sobre as RSI de forma automatizada (SCOTT, 2000 apud BRANDÃO et al., 2007), ou, no mínimo, não há um esforço para registar os dados das interações públicas. Os estudos efetuados com base nesses dados são iniciativas da Análise de Redes Sociais.

As pesquisas emergentes sobre a rede social em CI relacionam o tema com os termos Web 2.0 e Web Semântica, e investigam as oportunidades de atualizações de interoperabilidade e significado das redes sociais na Internet na prática, tal como discute o trabalho de Jorente e Santos (2009) intitulado “Quando as *webs* se encontram: social e semântica – promessa de uma visão realizada?”.



## 4 REFLEXÕES

Este capítulo propõe delinear o percurso a ser elaborado nas próximas etapas desta investigação, o qual pode ser construído a partir de algumas pistas de pesquisa encontradas durante o estudo exploratório e de revisão do estado da arte, bem como das reflexões a seguir.

### 4.1 RSI na perspectiva da cultura de convergência

Nesta subsecção, as RSI são abordadas na perspectiva de uma Cultura de Convergência segundo o enquadramento teórico proposto por Jenkins e com as referências à audiência da *web* no Brasil e em Portugal.

Antes de tratar, especificamente, da convergência no contexto dos meios de comunicação, é importante mencionar que Castells (2000) postulou que a informação é parte do processo humano e de como os efeitos gerados pela evolução das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) estão cada vez mais facilitados.

Em todo o mundo, a Internet ainda continua a ser um veículo de mudanças, sendo, assim, considerada um fenômeno de convergência. Conforme discutido por Jenkins (2009), o termo “convergência” não possui sentido de unidade ou estabilidade, mas de transformação.

Nestas transformações, conforme percebido por Ludes (2008) nos seus estudos sobre a “sociedade da informação” na Europa, a convergência possui duas tendências contraditórias. Para o autor e para os seus colegas, há uma tendência “*implying a similarity and increasing unity of experience*”, ou seja, a convergência propriamente dita, e outra tendência “*implying a growing differentiation of experience*”, denominada na obra como ‘fragmentação’.

Neste trabalho, percebe-se que o processo de constante mudança, referido por Jenkins (2009), ao explicar que “convergência”, é a agregação dessas duas tendências indicadas no trabalho de Ludes (2008).

Ao discutir as RSI no contexto dos meios de comunicação, é importante ter uma referência da sua audiência. Os dados a seguir referem-se às realida-

des recentes do Brasil publicada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (2010), e de Portugal, conforme o relatório da Lisbon Internet and Networks International Research Programme (2010).

No Brasil, em 2009, o número de internautas foi estimado em 39% da população do país, o que corresponde, aproximadamente, a 63 milhões de utilizadores. Em 2010, Portugal estima que 46,5% da população acessam à Internet, ou seja, possui cerca de 4,7 milhões de internautas. Estes países estão acima da média mundial (26,6%), porém abaixo da percentagem, se comparados com a América do Norte (76,2%).

Em Portugal, especificamente nas RSI, a percentagem de internautas participantes é, atualmente, de 56,4%, segundo dados de 2010 da Lisbon Internet and Networks International Research Programme (2010). Esse volume de utilizadores coloca as RSI na terceira posição entre as atividades de comunicação na Internet mais disseminadas no país.

O relatório de 2009 do Comitê Gestor da Internet no Brasil (2010) apresenta o Brasil com 67% dos internautas em SNS, tais como o Orkut, verificando-se o brasileiro como um dos povos que mais utiliza este tipo de comunicação.

Para além disso, segundo a pesquisa brasileira, é nas RSI que há maior participação entre jovens: 80% dos utilizadores com idades entre 15 e 24 anos. Essa tendência é constatada também em Portugal, porém numa proporção inferior aos sul-americanos, com 42,1% dos utilizadores na mesma faixa etária. (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2010) e (LISBON INTERNET AND NETWORKS INTERNATIONAL RESEARCH PROGRAMME, 2010).

Mesmo que o utilizador das RSI esteja *off-line*, o seu perfil continua com sua *lifestreaming* ativa no SNS, o que possibilita as comunicações assíncronas e sua constante visibilidade no mundo virtual. Este novo modelo social agrega as interações específicas oriundas de comunidades *on-line* e *off-line* num formato híbrido de comunicação, segundo o autor do novo paradigma tecnológico Castells (2007).

Para além disso, a proliferação de dispositivos portáteis com acesso à Internet possibilitou aos utilizadores das RSI a possibilidade de continua-



rem com suas interações *on-line*, independentemente da sua localização ou atividade. Os SNS específicos para estes dispositivos foram, e estão a ser, desenvolvidos para facilitar a experiência do utilizador ao aceder às RSI de um telefones celulares, por exemplo, sem a obrigatoriedade de utilizar um navegador para aceder às RSI.

Esta computação ubíqua, como exemplo de inovação tecnológica, permite que as RSI facilitem a manutenção, ampliação e aparecimento de equipas que visem o acesso a informações e o contato com outros indivíduos através das TIC.

Então, notoriamente, essa ubiquidade tem afetado as relações sociais, transformando o SNS de um espaço de convívio num ambiente de dinâmicas infocomunicacionais imprevisíveis. É nesse sítio que as RSI se estão a desenvolver, em conformidade com cinco processos retratados por Jenkins (2009):

- a) **digitalização de conteúdos:** provocada por mudanças tecnológicas (JENKINS, 2009), onde todos os meios de comunicação passam a ser digitais: rádio, TV, telefone, entre outros, podendo estes conteúdos, recentes ou antigos (digitalizados), circular em conteúdos nas RSI.
- b) **exploração transmediática:** de organizações como a Warner Bros, que geram transformações econômicas (JENKINS, 2009). No caso europeu, existe a Portugal Telecom (PT), que está envolvida em negócios de redes de comunicação fixa, móvel, Internet e televisão, para, além de institucionalmente, ou por uma de suas subsidiárias, marcar presença nas principais RSI.
- c) **utilização e consumo de conteúdo de forma multitarefa:** a partir de dispositivos, como portáteis e telefones celulares, num processo de mudanças sociais (JENKINS, 2009). Note-se o exemplo da (Apple) com seus "i" dispositivos, tais como o iPod, o iPhone e o iPad, que partilham uma RSI proprietária de interesse musical denominada Ping.
- d) **utilizadores com controle dos meios de comunicação:** colocando a criatividade ao serviço da divulgação como acção de trans-

formação cultural (JENKINS, 2009). Celebidades instantâneas surgem a partir de vídeos no YouTube, divulgados de forma "viral" pelas RSI.

- e) **internacionalização dos conteúdos midiáticos:** promovendo mudanças em escala mundial, dada a disponibilidade e possibilidade de acessos (JENKINS, 2009). As RSI permitem a "*global village*", possibilitando aos seus utilizadores interações com qualquer outro ponto da rede.

Estes tópicos suscitam uma série de questões levantadas pela convergência nos meios de comunicação. Uma delas é que, nessa arena virtual, a audiência formada pelos atores e seus *e-groups* atuam colaborativamente na criação e circulação de conteúdos, tornando as RSI num dos ambientes de maior criação de conteúdo por parte dos próprios utilizadores. Um exemplo deste comportamento infocomunicacional é que 23,8% dos utilizadores portugueses das RSI fazem *upload* de fotografias, ou seja, quase 1 entre 4 internautas portugueses tomam esta iniciativa, de acordo com Lisbon Internet and Networks International Research Programme (2010).

Jenkins (2009) constata que os indivíduos desta audiência, até então meros espectadores, passam a reformular e a dar novos contextos aos conteúdos dos meios de comunicação de massa, seja de forma individual ou coletiva. Esta apropriação acontece comumente nas RSI, e pode, inclusive, culminar numa utilização combinada entre diferentes SNS, tais como o Facebook, Twitter e YouTube.

O conteúdo digital de um canal de TV pode ser facilmente descarregado a partir do portal de vídeos da emissora, editado utilizando-se um portátil, e publicado no YouTube. Então, com a hiperligação para aceder ao novo conteúdo "alternativo" gerado pelo internauta, este é difundido pelas RSI via mensagens, comentários públicos e outras referências ao conteúdo.

Ao fomentar esta propagação de conteúdos, as redes implementam agregações que permitem ao colocar no Facebook uma informação, automaticamente, pode ser gerado uma publicação no

Twitter, e vice-versa. Dada a repercussão do assunto nas RSI, este conteúdo volta a ser referenciado pelos meios de comunicação de massa, como uma emissora de rádio, por exemplo.

Os comportamentos mediáticos dessa audiência de dimensões globais, em especial, a produção de conteúdo que alimenta este fluxo de informações, representam a participação dos utilizadores nas RSI. A passividade que imperava nos meios de comunicação tradicionais deixa de existir para dar lugar ao surgimento de uma “Cultura de Participação”.

Com base no exemplo anterior e no referencial teórico, essa transformação cultural, refere Jenkins (2009), é promovida pelo fluxo de conteúdos através dessas múltiplas plataformas. Então, à medida que os nós das redes, que também são consumidores de bens e serviços, são convidados a procurar novas informações e a promover a partilha de conteúdos, propiciam a circulação da informação.

Trata-se de uma circulação da qual qualquer nó, uma vez dentro das RSI, basta simplesmente desejar participar. Essa nova possibilidade mediática permitida à audiência é bem retratada no *slogan* do YouTube ao convocar o internauta a “*broadcast yourself*”, ou seja, a distinção entre consumidor e produtor de conteúdo está cada vez mais ofuscada pela cultura de participação (JENKINS, 2009).

Esse movimento provoca uma verdadeira *information overload*, ou seja, uma sobrecarga de informação, que se propaga exponencialmente por meio de conteúdos e informações distribuídas pelas RSI. Essa abundância informacional é um desafio para as novas gerações, pois requer novas competências mediáticas e de informação.

Também é um desafio para a indústria mediática, pois provocou mudanças fundamentais nos meios de comunicação tradicionais. A relação participativa das audiências, apesar de indicar grandes oportunidades para essa indústria, acarreta um movimento de forças “de baixo para cima” e de “cima para abaixo” entre os considerados meios de comunicação de massa e os atuais meios de comunicações alternativos (JENKINS, 2009).

Outro fator preponderante nesses novos tempos é a fragmentação dessas audiências. A ten-

dência de proliferação de canais temáticos na televisão também possui um equivalente nas RSI. Novas redes sugerem redes de acordo com o interesse de grupos sociais, tais como as redes de “*Science 2.0*”, como Mendeley e Academia.edu, e, também, projetos que procuram fortalecer *clusters*, como é o exemplo brasileiro do Teia MG, que é uma RSI de prestadores de serviço e de conhecimento originária de Minas Gerais.

A formação destes arquipélagos infocomunicacionais pode provocar diversas questões negativas, como a ocultação de informações a grupos privilegiados. No entanto, se for bem administrada, pode promover o desenvolvimento e partilha de novas ideias dentro de uma comunidade dedicada e especializada numa temática. Assim, pode surgir a cultura de conhecimento nas RSI que é, “segundo Pierre Lévy, uma comunidade que surge em torno do compartilhamento do conhecimento e da avaliação do conhecimento” (JENKINS, 2009).

O que se deve perceber é o potencial de geração e apropriação de conhecimento para indivíduos e os grupos que estão disponíveis nas RSI (JENKINS, 2009) ressalta, ao abordar a inteligência coletiva, que há coisas a mais que um único indivíduo precisa saber. Os SNS podem ser os repositórios e as RSI o estímulo para alavancagem de conhecimentos.

A Wikipédia, as comunidades de *software open-source*, a produção de filmes e os jogos em colaboração implementam este conceito de inteligência suportado pelas RSI, abrindo portas para novas iniciativas, tanto para inserção de mais indivíduos, através da popularização do acesso, como da capacitação dos utilizadores das RSI.

#### 4.2 Estudo dos comportamentos infocomunicacionais de utilizadores das RSI

Este momento de escolha de alguns paradigmas e os encontros dos referenciais teóricos das LI, APP e RSI apresentam pontos de convergência, que serão tratados a seguir.

Do ponto de vista de uma abordagem cognitiva e social, principalmente nos estudos de LI, é perceptível a preocupação dos pesquisadores da área de CI.

Contudo, como o próprio estudo teórico indicou, há oportunidades para pesquisas com perspectivas ainda pouco exploradas cientificamente, mas que emergem com certa consistência. Trata-se, por exemplo, do construcionismo social proposto por Maturana.

Como o próprio título deste artigo indica, existe uma outra questão que merece ser aprofundada e que tem como contributos os estudos de Heinström (2005).

Trata-se da influência dos traços de personalidade no comportamento informacional, independente de contexto e atores. É pertinente investigar: as 20 dimensões da APP relacionam-se com as competências informacionais da LI?

Quais os contributos para os estudos de LI estas relações podem fornecer?

Espera-se, como resultado a estas questões, que sejam identificados contributos que demonstrem interdependência dessas habilidades, sob uma óptica onde o indivíduo não será analisado isoladamente. A partir dos estudos de Libério (2010), percebeu-se a correlação entre as próprias dimensões da APP. Portanto, torna-se relevante perceber se com a conjugação de instrumentos de LI e APP o conjunto de competências avaliadas mantém a sua relação de interdependência, ou seja, ao identificar estas influências, dentro do contexto selecionado, poderão ser geradas novas oportunidades de pesquisa, a reafirmar ou explorar tais evidências.

Caso contrário, será pertinente identificar quais os possíveis fatores que indicaram a independência dos inquéritos e, por assim dizer, a não constatação de influência das dimensões aferidas na APP nos estudos de LI. De qualquer forma, uma avaliação coletiva, sob a ótica da APP, poderá ser inserida como contextualização do perfil dos indivíduos e da equipe.

Em referência ao que foi discutido até o momento neste capítulo, procurou-se selecionar um contexto de interesse da comunidade científica em que se encaixa este projeto. Sendo assim, as pesquisas ligadas à Web 2.0 mostram um outro assunto emergente na área de CI. Neste artigo, foram dados exemplos de produção científica na revisão de literatura, especificamente LI e RSI.

Porém, como todos os temas emergentes, é preciso lançar novos olhares e definir novos focos de interesse. Os trabalhos encontrados discutem a tendência da Web 2.0 no espaço das bibliotecas e, conseqüentemente, os aspectos da LI nessa biblioteca 2.0.

Partindo da escolha das RSI como contexto para este trabalho, formula-se: sendo a LI um conjunto de competências para uma experiência rica no uso da informação, e que é independente do contexto da biblioteca, como se comportam, em nível da informação, as unidades sociais de uma rede? As redes sociais, formais ou informais, ajudam de que maneira os indivíduos a desenvolver seu nível de LI? Os indivíduos letrados em nível da informação criam encadeamentos coesos em relação ao seu nível de LI?

As hipóteses são ainda incipientes, dados os avanços desta pesquisa, mas conduzem a uma abordagem lógica. Tendo como base indivíduos letrados em nível da informação, que desenvolvem as suas capacidades de organização e comunicação da informação, espera-se algum grau de potencialização de LI por meio das RSI. Possivelmente, deverá ser avaliado se estas capacidades respondem à demanda de uma “competência colaborativa” nos meios de comunicação digitais. Caso estas hipóteses não se cumpram, será relevante compreender que fatores influenciaram na redução ou manutenção das suas capacidades informacionais.

Ainda sobre as LI e RSI, mas do ponto de vista específico da partilha de documentos da perspectiva pós-custodial, qual a percepção e comportamento dos indivíduos para a construção de documentos numa rede de forma colaborativa?

Partindo do raciocínio que, independente do conjunto de competências em informação do utilizador, se espera que os indivíduos tenham alguma dificuldade em perceberem as potencialidades das redes sociais no que concerne à concepção de documentos em formato colaborativo, ou até mesmo à noção de documento como seria desejável.

Em contraposição à hipótese inicial, como é percebido numa comunidade de *software* de código fonte aberto e na Wikipédia, eles podem per-



ceber este potencial, mas, por algum motivo (a ser identificado), não promovem este tipo de empreitada de informação ou ainda, promovem efetivamente tais atividades.

Estas são as questões e hipóteses dentro da delimitação teórica proposta para a área de CI. Existe um enorme potencial de investigação que entrelaça esta temática, mas definir as opções para os próximos passos é primordial para a procura dos primeiros resultados da pesquisa.

A partir desta constatação, é importante iniciar as discussões para o delineamento dos procedimentos metodológicos, onde se efetua o necessário para dar a continuidade que a revisão bibliográfica fornecerá, ou seja, uma visão crítica e global da temática do problema, permitindo, então, a construção dos dados necessários ao projeto de pesquisa doutoral sob as orientações do Professor Orientador, o que tende para a adoção de uma abordagem inspirada no método Quadripolar de (SILVA; RIBEIRO, 2002).

Dadas as discussões iniciadas sobre os paradigmas, é imprescindível inserir a pesquisa e fornecer um aparato teórico e institucionalmente coerente na comunidade académica de CI e de suas disciplinas correlatas. Este seria o olhar da pesquisa pelo prisma epistemológico do método indicado.

O próximo passo seria o ajuste do processo em relação ao polo teórico, dadas as discussões iniciadas sobre os conceitos de LI e RSI. Identifica-se a necessidade de, por meio de uma forma consciente, elucidar todos os conceitos operatórios exigidos para a produção científica em questão. Isto distancia os conceitos postulados de qualquer confusão que a diversidade de pesquisas e interesses científicos geralmente provoca.

Do ponto de vista instrumental, ou do polo técnico do método, sugere-se o emprego dos instrumentos de Silva e Marcial (2010) e Libério (2010), dadas as experiências adquiridas nessas pesquisas e o interesse na observação das variáveis indicadas pelos inquéritos, sendo, *a posteriori*, necessária a discussão de abordagens de observação casual, tais como o grupo de enfoque.

Por fim, no polo morfológico do método, procura-se, integralmente, a análise dos dados reco-

lhidos a partir dos subsídios fornecidos pelos polos teóricos e epistemológicos. Desta forma, reconhece-se e comunica-se o conhecimento novo, como resultado da pesquisa.

## 5 CONCLUSÕES PRELIMINARES E DIREÇÕES FUTURAS

Seja pelo lado tecnológico, ao discutir-se SNS e protocolos de Internet, ou pelo lado social, ao abordar as possibilidades infocomunicacionais e a transformação de um atividade passiva para participativa, este estudo conseguiu demonstrar que as RSI são representantes de uma cultura de convergência nos meios de comunicação, conforme discutido por Jenkins (2009).

Ao tentar desmistificar a *buzzword* “convergência”, do ponto de vista tecnológico, para uma abordagem de mudança social, pode-se perceber no estudo que para empreender pesquisas em RSI, seja para discutir a participação, rede de conhecimentos ou os próprios meios de comunicação, é necessário o entendimento do comportamento infocomunicacional dos seus utilizadores.

Os comportamentos de uso multitarefa de dispositivos, a busca e o consumo de experiências transmediáticas, a pesquisa e circulação de informações e conteúdos via RSI têm moldado a sociedade contemporânea.

Os conhecimentos, a habilidade e as atitudes devem visar a fluência e, por consequência, uma rica experiência social, seja para se divertir ou para resolver problemas complexos do mundo. Os utilizadores das RSI, às vezes, desprovidos de interesse de enriquecimento financeiro individual, têm investido uma parcela considerável das suas vidas para se comunicarem via SNS.

Os indicadores de forte adoção de hoje são as promessas de futuras transformações. As novas gerações, conforme as pesquisas apresentadas, mostram evidentemente adeptos desta nova dinâmica. Assim, as demais gerações, em especial a sênior, não podem ficar afastadas das possibilidades de enriquecimento cultural que é fornecido pelas RSI.

Como professor do MIT, Jenkins (2009) demonstrou-se preocupado com a educação



mediática dos espectadores. Na perspectiva das RSI, esta literacia deveria fornecer competências que atravessam transversalmente os diversos suportes e meios de informação e comunicação.

Outra questão é que a cultura de convergência nos meios de comunicação também agrega mudanças na forma como interagimos e definimos documentos nas RSI. Neste estudo dos *Social Media*, as RSI, em particular, demonstraram ter um papel como suportes de informação e meios de comunicação. Então, para além da difusão de conteúdos, foi denotado um arquivamento em *lifestreaming*, o que pode ser interessante discutir, em trabalhos futuros, com a relação das RSI com o paradigma Pós-Custodial (SILVA; RIBEIRO, 2002).

Este ambiente de meios de comunicação convergente tem-se demonstrado complexo e mutável, o que dificulta as fronteiras entre as literacias informacionais e os meios de comunicação. Na realidade, o processo social em rede tem demonstrado uma exigência no aprimoramento de uma literacia infocomunicacional.

Para tal, os indivíduos devem tirar proveito das tendências de união e fragmentação que a convergência propicia. Talvez seja nesta perspectiva que os diversos nichos da sociedade, reconfigurados em múltiplas e dispersas RSI, podem se unir, de forma interoperável, para uma inteligência coletiva efetiva.

Possivelmente, não para atuarem como uma “mente” superior, mas como forma de cooperação entre os seus atores. Daí emerge a necessidade de indivíduos letrados alinhados com os seus objetivos de vida e de bem-comum.

O presente trabalho não pretendeu esgotar as diversas possibilidades das RSI, mas considerou-se importante mostrar o grande potencial e a nova dinâmica impostas por elas. O objetivo deste tra-

balho foi atingido ao navegar pelos princípios teóricos de LI, APP e RSI, bem como pela breve indicação dos paradigmas e da reflexão das RSI dentro de uma abordagem da cultura de convergência nos meios de comunicação de Jenkins (2009). Além disso, permitiu identificar as pistas para a investigação da influência dos traços de personalidade na LI de utilizadores das redes sociais.

Dadas as limitações deste tipo de estudo, há a necessidade de um maior aprofundamento bibliográfico e de um envolvimento de mais discussões sobre a problemática de investigação do projeto doutoral em curso.

Entretanto, e tendo em conta o levantamento teórico inicial, demonstrou ser factível investir em pesquisas de influência da personalidade nos comportamentos infocomunicacionais nas RSI. Por conseguinte, identificou-se trabalhos distintos que contribuem para que este trabalho seja uma convergência de propostas científicas emergentes.

Por fim, como direções futuras, para além da continuidade da pesquisa teórica, espera-se construir um pré-projeto de pesquisa doutoral que permita eleger a metodologia e um SNS, bem como a formulação de uma questão de pesquisa mais próxima da definitiva. A julgar pelo levantamento inicial realizado, reforça-se a viabilidade de se investir em pesquisas sobre o comportamento informacional nos utilizadores de RSI.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos Professores Doutores Fernanda Ribeiro, Fernando Ramos, George Leal Jamil, José Azevedo e Lídia Oliveira pelos preciosos contributos e estímulo para criação deste trabalho para o Programa Doutoral em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais das Universidades de Aveiro e do Porto.

## REFERÊNCIAS

- ACIOLI, S. Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. *Informação & Informação* [S.I.], v. 12, n. 0, 2007.
- ÁLVAREZ, A.; AGUILAR, N. *Manual Introductorio al Análisis de Redes Sociales: Medidas de Centralidad*. 2005. Disponível em: <[http://revista-redes.rediris.es/webredes/talleres/Manual\\_ARC.pdf](http://revista-redes.rediris.es/webredes/talleres/Manual_ARC.pdf)>.
- AMICHAÏ-HAMBURGER, Y.; VINITZKY, G. Social network use and personality. *Computers in Human Behavior* [S.I.], v. 26, n. 6, p. 1289-1295, 2010.
- APP. Avaliação de Potencial e Perfil: Modelos de Relatórios e Documentação, Belo Horizonte, 2010, n. 10, jun. 2010.
- APPLE. Ping. v.11. n.26, 2010.
- BARNES, J. A. *Social Networks*. Cambridge: Module 26, 1972.
- BAWDEN, D. Information and digital literacies: a review of concepts. *Journal of Documentation* [S.I.], v. 57, n. 2, p. 218-259, 2001.
- BELKIN, N. J. The cognitive viewpoint in information science. *Journal of Information Science* [S.I.], v. 16, p. 11-15, 1990.
- BERNERS-LEE, T. Long Live the Web: A Call for Continued Open Standards and Neutrality. 2010. Disponível em: <<http://www.scientificamerican.com/article.cfm?id=long-live-the-web>>.
- BOON, S. *et al.* A phenomenographic study of English faculty's conceptions of information literacy. *Journal of Documentation* [S.I.], v. 63, n. 2, p. 204-228, 2007.
- BORGES, M. E. N. *A informação e o conhecimento na biologia do conhecer: uma abordagem cognitiva para os estudos sobre inteligência empresarial*. (2002). (Doutoramento) Ciência da Informação, UFMG, Belo Horizonte, 2002.
- BOYD, D.; ELLISON, N. Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication* [S.I.], v. 13, n. 1, p. 210-230, 2008.
- BRANDÃO, W. *et al.* Redes em Ciência da Informação: evidências comportamentais dos pesquisadores e tendências evolutivas das redes de coautoria. *Informação & Informação* [S.I.], v. 12, n. 0, 2007.
- BROWN, A.; BARTRAM, D. Doing less but getting more: improving forced-choice measures with IRT. *Annual Conference of the Society for Industrial* [S.I.], n. 24, 2009.
- BRUCE, C. Workplace experiences of information literacy. *International Journal of Information Management* [S.I.], v. 19, n. 1, p. 33-47, 1999.
- BRUCE, C. Information literacy research: dimensions of the emerging collective consciousness. 2000. Disponível em: <[http://www.anziil.org/resources/papers/archive/bruce/1\\_multipart\\_xF8FF\\_2\\_AARLsub.pdf](http://www.anziil.org/resources/papers/archive/bruce/1_multipart_xF8FF_2_AARLsub.pdf)>. Acesso em: 11 fev. 2002.
- CAMPELLO, B. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. *Ciência da Informação* [S.I.], v. 32, p. 28-37, 2003.
- CAMPELLO, B. *Letramento Informacional: práticas educativas de bibliotecas em escolas de ensino básico*. (2009). (Doutoramento) – Ciência da Informação, UFMG, Belo Horizonte, 2009.
- CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. *Encontro Nacional de Pesquisa em Viência da Informação*. n. 5. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003.
- CASTELLS, M. *Sociedade em Rede*. Editora Paz e Terra, 2000.
- CASTELLS, M. *A Galáxia Internet. Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Tradução de Espanha, R. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.
- CASTELLS, M. *Comunicação Móvel e Sociedade. Uma Perspectiva Global*. Tradução de Cheta, R. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.
- CLICK, A.; PETIT, J. Social networking and Web 2.0 in information literacy. *The International Information & Library Review* [S.I.], v. 42, n. 2, p. 137-142, 2010.
- COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil: TIC Domicílios e TIC Empresas 2009*. São Paulo, 2010.

- CORRÊA, M. L. *Avaliação de potencial e perfil: apostila do facilitador*. Belo Horizonte, 2009.
- DECLARAÇÃO DE ALEXANDRIA. Sobre competência Informacional e aprendizado ao longo da vida. *National Fórum on Information Literacy*, 2005.
- DOYLE, C. *Outcome measures for information literacy within the national education goals of 1990: final report of the National Forum on Information Literacy*, 1992.
- DUDZIAK, E. A. *Information literacy: princípios, filosofia e prática*. 2003.
- GARTON, L. et al. Studying Online Social Networks. *Journal of Computer Mediated Communication* [S.I.], v. 1, n. 3, 1997.
- GODWIN, P. Information literacy and Web 2.0: is it just hype? *Program: electronic library and information systems* [S.I.], v. 43, n. 3, p. 264-274, 2009.
- HEINSTROM, J. Fast surfing, broad scanning and deep diving – The influence of personality and study approach on students' information-seeking behavior. *Journal of Documentation* [S.I.], v. 61, n. 2, p. 228-247, 2005.
- HJORLAND, B. Epistemology and the socio-cognitive perspective in information science. *Journal of the American Society for Information Science and Technology* [S.I.], v. 53, n. 4, p. 257-270, feb. 2002.
- HOFFMAN, L. Una postura reflexiva para la terapia familiar. *La terapia como construcción social*. Barcelona: Paidós, 1992. p. 25-44.
- HONORATO, R. Facebook atinge 500 milhões de usuários no planeta. *Veja*, Acevo Digital, 2010.
- JENKINS, H. *Cultura da convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- JENKINS, H. et al. *Confronting the challenges of participatory culture: media education for the 21st century*. MacArthur Foundation, 2006.
- JORENTE, M.; SANTOS, P. Quando as Webs se encontram: social e semântica promessa de uma visão realizada? *Informação & Informação* [S.I.], v. 14, n. 0, p. 1, 2009.
- LIBÉRIO, L. *Análise dos Resultados da Avaliação de Potencial e Perfil (APP) em profissionais brasileiros com uso de Data Mining*. (2010). 95 f. (Mestrado) DPPG, CEFET-MG, Belo Horizonte, 2010.
- LISBON INTERNET AND NETWORKS INTERNATIONAL RESEARCH PROGRAMME. *A Utilização de Internet em Portugal 2010*. Lisboa, 2010.
- LLOYD, A. Information Literacy. *Journal of Librarianship and Information Science* [S.I.], v. 35, n. 2, p. 87-92, jun. 1, 2003.
- LUDES, P. *Convergence and Fragmentation: Media Technology and the Information Society*. Chicago: Intellect Bristol, 2008.
- LYMAN, L. *Literacy education as library community service*. 1979.
- MARTELETO, R. Informação rede e redes sociais: fundamentos e transversalidades. *Informação & Informação* [S.I.], v. 12, n. 0, 2007.
- MASSON, S. A Arquivística sob o prisma de uma Ciência da Informação. *Arquivística. net* [S.I.], v. 2, n. 1, 2006.
- MATURANA, H.; VARELA, F. *El árbol del conocimiento*. 14. ed. Santiago: Editorial Universitaria, 1984.
- MAZZOCATO, B. O Uso da Rede Social Fragmentada Como Fonte de Referências na Prática de Lifestreaming. *Em Questão* [S.I.], v. 15, n. 2, 2010.
- MCLEAN, J. E.; CHISSON, B. S. *Multivariate Analysis of Ipsative Data: problems and solutions*. 1986.
- MENDELEY. Academic reference management software for researchers, Mendeley, 2010.
- MITCHELL, C. J. Social Networks. *Annual Review of Anthropology*, v. 3, p. 279-299, 1974.
- MURRAY, H. A. *Explorations in Personality*. New York: Oxford University Press, 1938.
- NEWMAN, M. E. J. The structure of scientific collaboration networks. *Proceedings of The National Academy of Sciences* [S.I.], v. 98, 2001.
- NOGUEIRA, C. *Construcionismo social, discurso e gênero*. Cadernos de Pesquisa, nº 112, p. 137-153, março 2001.
- PHARES, E. J. *Introduction to Psychology*. NY: Harper Collins, 1991.
- PTC. Psychological Testing Centre: The British Psychological Society Tests Reviews. v. 2009, n. 20, jul. 2009.

RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulinas, 2009. (Coleção Cibercultura).

SCOTT, J. *Social Network*. 2000.

SILVA, A. M. D. *A Informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico*. Porto: Edições Afrontamento, 2006. (CETAC.COM).

SILVA, A. M. D.; MARCIAL, V. Novos resultados e elementos para análise e debate sobre Literacia Informacional em Portugal. *Informação e Informação* [s.e.], 2010.

SILVA, A. M. D.; RIBEIRO, F. *Das ciências documentais à ciência da informação: um ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

SIOP. Society for Industrial and Organizational Psychology: Convention Program: Division of Industrial Psychology American Psychological Association, 2010.

TALJA, S. *et al.* "Isms" in information science: constructivism, collectivism and constructionism. *Journal of Documentation* [S.I.], v. 61, n. 1, p. 79-101, 2005.

TOMAÉL, M.; MARTELETO, R. Redes sociais: posições dos atores no fluxo da informação. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação* [S.I.], v. 11, n. 1, p. 75, 2007.

VENÂNCIO, L. S. V. *O caminhar faz a trilha: o comportamento de busca de informação sob o enfoque da cognição situada*. (2007). (Mestrado) – Ciência da Informação, UFMG, Belo Horizonte, 2007.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Competência informacional - bases históricas e conceituais: construindo significados. *Ciência da Informação* [S.I.], v. 38, p. 130-141, 2009.

WATKINS, J. Social media, participatory design and cultural engagement. ACM, 2007.